



## FICHA ARTÍSTICA

Encenação de Fernando Mora Ramos  
Dramaturgia e montagem de textos de Isabel Lopes  
Cenografia a partir de uma pintura/dispositivo cénico de João Vieira\*  
Acabamentos plásticos de Rui Alves com a assistência de Lúcio Silva  
Iluminação de Jorge Ribeiro  
Composição Musical de Rui Rebelo  
Flautas, gaita de foles e músicas da tradição popular de António José Xavier  
Dispositivo sonoro e espacialização acústica de Francisco Leal  
Figurinos de José Carlos Faria

### Interpretes

Velha - Isabel Lopes  
Autor - Nuno Machado  
Inverno e Verão - Alexandre Calçada  
Pastor - Fábio Costa  
Pobre chagado - Carlos Borges  
São Martinho - José Ricardo Nunes  
Pajens - Vasco Rio Peres e Ricardo Gomes\*\*  
Passarinhos - Ana Rita Silva\*\* e Ana Trino\*\*

Canção religiosa e canção alusiva ao verão - Coro Infantil do Conservatório de Música de Caldas da Rainha - Gonçalo Garcia, Francisca Moura, Sofia Tavares, Vicente Correia, Salomé Carvalho, Lara Pinheiro, Gabriel Tomás, Margarida Vicente e Estela Calisto dirigidos por Maria João Veloso e por Cláudio Duarte.

Composição musical executada por elementos da Banda Comércio e Indústria - Liliana Lucas, Vasco Silva, Paulo Santos, Eduardo Ferreira, Mafalda Mil-Homens, André Caldas, Margarida Louro, Jorge Mota, Laura Branco e Sónia Santos dirigidos pelo maestro Adelino Mota e pela maestrina Margarida Louro.

Máquina de vento - Nuno Machado

## FICHA TÉCNICA

Direcção de Produção - Ana Pereira  
Colaboração na organização da Produção pela autarquia - Vânia Ferreira e Marlene Charruadas  
Montagem de luz e cenografia - António Anunciação e Filipe Lopes  
Operação de luz - António Anunciação e Filipe Lopes  
Operação do som - Francisco Leal

Construção da máquina de vento - José António Malhoa  
Cavalo - António Canelas  
Borregos - Rui Alves  
Cabeleira do Inverno e do Verão, toucado da Velha e coroa do Verão - Isabel Lopes  
Coroas de flores das crianças - Ana Rita Silva, Ana Trino e Ricardo Gomes  
Costureiras - Ângela Vicente, Emília Silva e Aida Pedro

Comunicação - Nuno Machado  
Design, Paginação e Ilustração - Patrícia Guimarães  
Fotografia - Valter Vinagre e Margarida Araújo  
Secretariado geral e apoio à produção - Teresa Almeida

Bancadas - Palco e Bancada  
Som - Lourisom  
Execução da cenografia - Manuel Barreto (Fast-made)  
Transportes - Carreia & Silva, Ldª

\*para Clérigos e Almocreves - Encenação de Mário Barradas e Fernando Mora Ramos - Cendrev

\*\*Alunos estagiários do 3º ano do curso de Teatro da ESAD

# TRIUNFO DE SÃO MARTI NHO

## DE GIL VICENTE





# E NÃO FOI MAIS PORQUE FOI PEDIDO MUITO TARDE...

Assim termina o “milagre” que o auto de São Martinho teatraliza. É a Rainha Dona Leonor que encomenda a peça a Gil Vicente actor/autor. Terá sido um doente do Hospital, existente desde 1485, a dar corpo em cena à figura do “pobre chagado”. O sentido do auto é claro: São Martinho divide a capa com o pobre e salva-o assim do frio mortal. O gesto tem obviamente um significado para além do literal, simboliza a ideia cristã de salvar os mais fracos da sua desprotecção, de assumir, ao nível estatal, já que a peça era pedida pela rainha, uma função social solidária. Diz isso, necessariamente, por meios teatrais. E essa função solidária teatralmente expressa pela partilha da capa é uma metáfora da função hospitalar. Neste sentido São Martinho dá substância, expressa o programa, ao Compromisso da Rainha, conjunto de determinações legais que constituía a lei do Hospital Termal, nesta perspectiva de um serviço de saúde para os pobres. As águas sulfúreas, santas, curativas, destinavam-se, antes do mais, a curar os pobres, os chagados, os que não tinham mais nada para sobreviver e necessitavam de protecção. O “dai-me esmola” entoado pelo chagado encontra resposta, não na esmola que os presentes eventualmente dariam, mas no gesto do Santo. É muito claro. Deste modo percebemos que a função caritativa não era, na cabeça da Rainha, um facto aleatório do rico, mas um gesto organizado do estado.

E o auto termina com a extraordinária frase do título: e não foi mais porque foi pedido muito tarde. Aqui se lê um facto que dá sentido ao próprio teatro como arte social: a rainha encomenda a Gil Vicente este “milagre” sob forma escrita e confia na sua solução cénica, no resultado “espectacular” da encomenda. O teatro, como a função hospitalar, fazem parte do programa ideológico da rainha: se as águas santas ajudam a curar o corpo, o teatro dirige-se às maleitas do espírito e, neste caso, converte em imagem, através de um verbo mais longo que o costume, mais nobre, o gesto solidário do Santo, sendo uma espécie de iluminura animada. Este “e não foi mais” coloca ao recriador contemporâneo um problema de tempo do gesto teatral. De facto o auto é muito curto. À época o tempo de

uma representação de corte nada tinha nem com bilheteira nem correspondia a nenhuma duração canónica pré estabelecida relacionada com uma hipotética relação tempo/dinheiro, que, como a outra, relação qualidade/ preço, faz a cabeça, e o olhar, do sujeito contemporâneo. Os dez minutos do auto seriam tão possíveis como as horas infinitas de uma celebração régia que envolvesse carros alegóricos e outros elementos espectaculares num dado teatro do poder no espaço da rua, teatro do poder monárquico em celebração afirmativa, exercício cénico do próprio poder, como é sugerido pelo Triunfo do Inverno que, nesta montagem que aqui apresentamos, se emparelha com o Auto de São Martinho fazendo coincidir um acontecimento comum aos dois textos: o do Triunfo do Verão, aqui realizado como Triunfo de São Martinho, nome da representação. É esse aliás o sentido popular do milagre de São Martinho, o de trazer um verão súbito — na época correspondia à primavera, portanto lá para maio — que permite uma pausa nas dores insuportáveis que o inverno provoca nos corpos, no cosmos, na natureza, nas criaturas humanas e a instauração de um tempo novo, rejuvenescedor, restaurador de vida.

Deste modo a montagem de textos e a opção da dramaturgia foram no sentido de realizar primeiro esse teatro do inverno que tudo destrói e mata e de, na sequência disso, seguir o que o milagre propõe, prolongando a partilha da capa como gesto, num verão imediato que se transforma numa festa popular — lá estarão as castanhas e a água-pé para o provar.

A festa é um desejo que o inverno alimenta nos vivos que o sofrem — no caso o pastor e a velha da primeira peça que, como o pobre da segunda são esse povo necessitado de solidariedade (curiosamente o Presidente Marcelo tem chamado a atenção, fortemente, para a questão dos chamados sem-abrigo) — e que, logo que possível, com o renascer da vida depois do ciclo de morte que o inverno espalha, se manifesta sem reservas como explosão de alegria liberta — será aí que a gaita e os gaiteiros se farão ouvir na sua música transbordante e de dança.

Este é o sentido da nossa proposta neste Maio de 2017. Proposta também aqui, séculos depois do São Martinho inicial criado como resposta a um pedido da Rainha — a palavra usada é essa, o que traduz a natureza da relação entre Gil Vicente e a Rainha, pedido que, apesar de tudo, seria

entendido como uma ordem, pois — é também uma resposta a uma sugestão, por nós acolhida com muito prazer, do senhor Presidente da Câmara e, pensamos nós, dos representantes do povo da cidade no seu conjunto e da própria cidade a quem dedicamos esta representação.

Fernando Mora Ramos

## AGRADECIMENTOS

Adelino Mota, Miguel Costa, Paulo Vasques, Margarida Louro, José Carlos Barros, Mariana Sampaio, Joaquim António Silva (Quitó), Graça Bessa, António Rodrigues, José Ricardo Nunes, António José Xavier, Hospital Termal, Junta de Freguesia de Nossa Senhora Pópulo, PSP, Conservatório de Música de Caldas da Rainha, Banda de Comércio e Indústria e Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

## TRIUNFO DE SÃO MARTINHO



WWW.TEATRO-DA-RAINHA.COM  
COMUNICACAO@TEATRO-DA-RAINHA.COM  
966 186 871  262 823 302

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA M/6

CALDAS DA RAINHA, LEIRIA  
MAIO DE 2017

COMPANHIA FINANCIADA POR



APOIOS

